Do Nacionalismo na Hora Presente

CARTA DE UM CATHOLICO
AS RAZÕES DO MOVIMENTO NACIONALISTA
NO BRAZIL
E O QUE, EM TAL MOVIMENTO,
É POSSIVEL DETERMINAR

DIRIGIDA A FRANCISCO BUSTAMANTE

POR

JACKSON DE FIGUEIREDO

EDIÇÃO DA
LIVRARIA CATHOLICA
Rua Rodrigo Silva, 7
RIO DE JANEIRO

Clerigo Odilon Lobo

263 $3,00

IN HOC SIGNO VINCES

Jackson de Figueiredo

DO NACIONALISMO NA HORA PRESENTE

Do Nacionalismo na Hora Presente

CARTA DE UM CATHOLICO
SOBRE AS RAZÕES DO MOVIMENTO NACIONALISTA
NO BRAZIL
E O QUE, EM TAL MOVIMENTO,
É POSSIVEL DETERMINAR

DIRIGIDA A FRANCISCO BUSTAMANTE

POR

JACKSON DE FIGUEIREDO

EDIÇÃO DA
LIVRARIA CATHOLICA
Rua Rodrigo Silva, 7
RIO DE JANEIRO

«Sim! É somente adoptando um programma francamente, radicalmente, ardentemente nacionalista, que o Brazil poderá figurar com dignidade perante o mundo e desempenhar o papel que lhe assignalam a sua grandeza, os seus recursos, as suas tradições, as suas responsabilidades, os seus ideaes.»

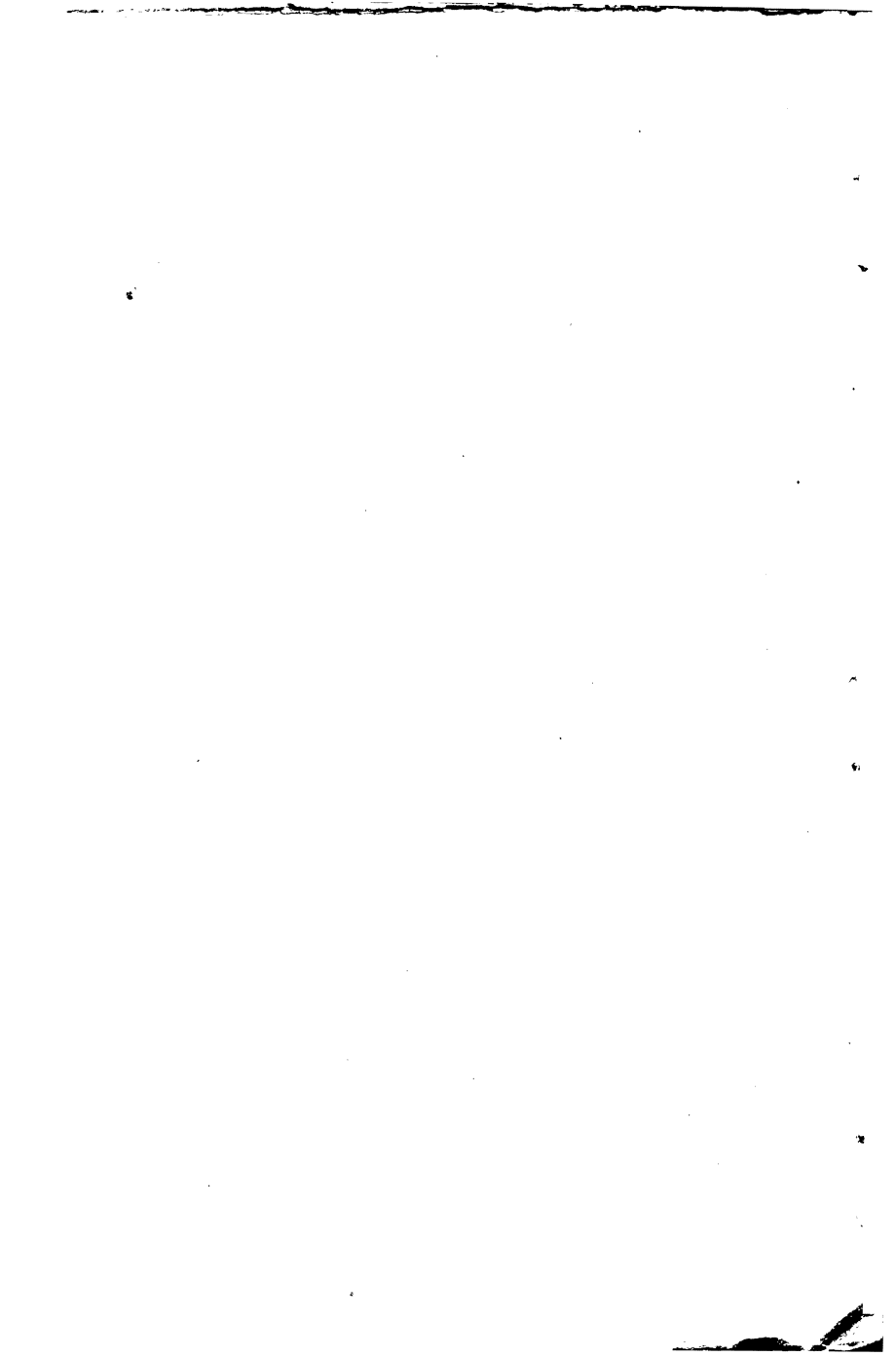
AFFONSO CELSO

(Art. publicado no «Jornal do Brazil», 30 de Outubro de 1919).

*

«Não venho ao Brazil — quero esclarecel-o bem desta tribuna que toda a intelligencia brazileira escuta — não venho junto de vós a propagandear allianças nem a defender intercambios, menos ainda a mercantilizar ideas. Sei de sobra que o Brazil e Portugal seguem suas trajectorias independentes, cada qual correndo aos seus destinos, áquelles que as particularidades do seu espirito, o acerto ou desacerto de seus homens publicos e a sua boa ou má fortuna lhe marcaram. Sei bem que o Brazil é um vasto mundo de riquezas inexhauriveis, imperio que ainda não prenuncia o integro desdobramento das suas energias e capacidades, tantas se acastellam no horizonte longinquo! Sei que as allianças só são possiveis e fecundas quando as suggere uma reciprocidade de interesses em justa proporção e quando na escala dos valores politicos ambas as partes attingem alturas approximadas. Sei tambem que a cultura scientifica, artistica e literaria, não se diffunde porque os agentes divulgadores ponham sua industriosa actividade ao seu serviço. Tudo que ha no mundo, de bom, de justo, e de bello se divulgou só por sel-o, com aquella potenceação rapidissima, que é a energia da Verdade, da Belleza e da Virtude, esplendendo em qualquer latitude, em qualquer lingua.»

FIDELINO DE FIGUEIREDO

(Discurso no Inst. Historico do Rio de Janeiro em 28 de Setembro de 1920).

CARO AMIGO
FRANCISCO BUSTAMANTE:

UMA profunda sympathia pelo seu caracter e a sua intelligencia faz com que escolha o seu nome para representação do publico a que, especialmente, quero falar: o dos catholicos que como V., como eu proprio, já se achem envolvidos no movimento nacionalista brazileiro ou ainda vacillem ante a formusura de taes aspirações.

A forma epistolar, por mim escolhida, tem a conveniencia de me dar maior liberdade ao modo de falar, que desejo claro, simples e, sobretudo, não infenso a um certo tom de intimidade, necessario por ser preciso falar algumas vezes de mim mesmo.

Aliaz a V., pessoalmente, já muitas vezes expliquei o porque me sentia na obrigação moral de escrever estas linhas, como que a reaffirmação da minha fé nacionalista, tão obscurecida de ha tempos para cá, isto é, des-

de que circunstancias especiaes, de caracter pessoalissimo, e que não vale a pena relembrar, fizeram com que me affastasse da convivencia de Alvaro Bomilcar e, consequentemente, do dominio da sua acção propriamente pratica, no sentido dos ideaes porque juntos nos batemos, não só na direcção da *Brazilea*, como tambem na fundação da *Propaganda Nativista.*

A estadía entre nós do distincto critico e historiador portuguez, Sr. Fidelino de Figueiredo, que, pela sua correctissima attitude aqui, no Rio de Janeiro, me mereceu todas as attenções de sincero admirador, e a quem me liga hoje uma não menos sincera amizade, dadas as provas publicas de tal admiração e estima, fez com que se tornasse mais premente a necessidade, que eu já sentia, de reaffirmar que, nem por um momento, me desliguei jamais da corrente nacionalista, no que ella tem de verdadeiramente puro e nobre.

O Sr. Fidelino de Figueiredo e todos os demais portuguezes, que me honram com a sua amizade, nunca ouviram de mim senão o que aqui venho, mais uma vez, expor, e sabem que respeito tanto o seu patriotismo, delles, como ao meu quero que respeitem. Quando collidem em certos pontos — o amor que dedicam ao seu paiz e o amor que ao meu dedico — salva-nos a mutua estima a sinceridade

do julgamento, a franquesa da discussão, o manifesto desejo de resolver taes problemas, não com o criterio sentimental e ás vezes hypocrita, mas com o positivo criterio dos interesses nacionaes em jogo.

Á suspicacia, porem, de certos elementos que, hoje em dia, não se pode negar, fazem parte importante do movimento em prol da nossa real autonomia de povo americano, julgo que devo corresponder, não com o insulto ou a injuria, mas com a firmeza desta nova declaração de principios.

Em primeiro logar, no entanto, acho de bom aviso que a todos declare que, apezar da já conhecida rotura das minhas relações pessoaes com Alvaro Bomilcar, continúo a considerar-me bom soldado das ideas que a elle, tão somente, a principio, e depois á minha experiencia devo, e não temo affirmar que elle tambem jamais duvidou da minha lealdade a estas ideas, nem da gratidão que lhe dedico por m'as ter revelado, nem mesmo da grande admiração que hoje tenho, como tive hontem e espero ter sempre, pela pureza de seu caracter, pelo desinteresse com que se vem batendo em prol da causa nacional.

Todavia, falando deste modo, nem de longe me passa pela mente a idéa de insinuar primazias entre os *leaders* da nossa nobilitante campanha.

Se aqui, pois tal é o meu proposito, não se lerá uma só palavra de offensa ou injuria aos nossos mais declarados e imprudentes inimigos, é evidente que não cahirei na insensatez de arrastar os mais irritaveis dentre nós a uma luta de pura vaidade.

Não. Se assim falo de Alvaro Bomilcar é puramente em relação a mim, ao meu caso pessoal, pois tenho bastante orgulho para não esquecer as dividas de minha consciencia.

Pago o que devo. E ao autor do *Preconceito de raça no Brazil*, a elle só, já o disse, devo o ter comprehendido certos aspectos da nossa luta social, e me dado de corpo e alma á campanha nacionalista.

Até que o conhecesse força é confessar que jamais tivera a intuição de que um movimento realmente nacionalista só poderia ser o que vizasse primeiramente combater o elemento portuguez no seio de nossa sociedade.

Pelo contrario, descendente que sou de portuguezes, tendo-me creado entre parentes, que o eram, educado em livros de sentimento absolutamente portuguez, quem, com menos sciencia, tacto e penetração do que Alvaro Bomilcar, uma tal idéa me expuzesse, se expunha a que o tomasse por doido.

Ante os argumentos de Alvaro Bomilcar, porem, fui forçado a reconhecer, dentro de

pouco tempo, que tal idéa é a expressão mais pura de uma dolorosa verdade.

Que Alvaro tivesse predecessores theoricos, não me resta duvida; e bastará citar-se o nome de Torres Homem, do Torres Homem da 1.ª phase, para que, quem conheça o *Libello do Povo,* verifique que ha quase identidade entre o quc dizia aquelle pamphletario, já em 1865, e o que Alvaro Bomilcar diz, de alguns annos para cá. Que elle teve e tem contemporaneos que pugnassem e pugnem por um programma social identico ao seu, tambem não quero, de modo algum, pôr em duvida. Quero dizer somente que, só delle, ha bons cinco annos, ouvi as crúas verdades que hoje tantos publicam e só a elle encontrei no terreno pratico da organisação das forças realmente nacionalistas, desde 1917, pois a elle se deve, principalmente, a fundação da *Brazilea,* de cuja direcção fez logo parte Arnaldo Damasceno Vieira. E, áquella revista, difficilmente se negará, de bôa fé, que foi quem deu ao nosso nacionalismo a physionomia especial que tem hoje. Porque a corrente que agora merece o ataque de quase todos os jornaes da chamada imprensa brazileira da Capital Federal, não se confunde certamente com o passado ou já sem significação nacionalismo, nascido dos discursos de Bilac ou das generosas iniciativas da Liga de Defesa Nacional.

* * *

Não cheguei ainda, meu caro Bustamante, tal como Você vae ver, ao fim da parte de caracter pessoal que nesta missiva sou forçado a manter. Mas não tardará que entremos numa analyse mais objectiva, e, portanto, mais elevada.

A ella me levará a explicação do porque acho necessario, hoje em dia, que se faça das idéas porque nos batemos, um balanço, uma revisão sincera, em que cada um de nós a si proprio se esqueça e só lembre a necessidade que temos de uma orientação segura, racional, philosophica, direi, em face de tantos e tão complexos problemas como os com que lidamos.

Para lhe falar francamente, meu amigo, o novo livro de Alvaro Bomilcar — *A Politica no Brazil ou o Nacionalismo radical*, produziu em mim dois sentimentos contrarios: o 1.º de alegria, porque vejo nelle, intactos, os mesmos principios defendidos pela *Brazilea;* o 2.º, um pouco de decepção, pois muito mais esperava eu da penna de Alvaro Bomilcar, após os annos de luta, em que se tem empenhado, desde o desapparecimento daquella revista. O novo livro poucas paginas contém realmente novas, é feito, quase todo, dos mesmos

velhos artigos da *Brazilea*, e o que de novo contém nem de longe representa uma tentativa séria de pôr em ordem as idéas, que tão facilmente, aliaz, sabe expor, numa simples conversa, o chefe da *Propaganda Nativista.*

Ora, é, no entanto, o que realmente se faz necessario de algum tempo para cá, isto é: que todos aquelles que têm responsabilidade neste movimento busquem coordenar as suas idéas, os seus principios e observações, para que, da comparação entre as diversas profissões de fé, se levante a constituição, digamos assim, a nossa *magna carta*, o que deverá ter caracter de lei, commum a todas as nossas associações, a todos os agrupamentos sociaes que queiram trabalhar seriamente a obra da nacionalisação do Brazil.

Não nos illudamos, meu amigo, com o que já está feito, que é pouco, apezar de já se poder dizer sem medo de errar, que este pouco era em verdade o havia de mais difficil a realizar-se. E não ha negar que tal se deve, sobretudo, á capacidade combativa e organisadora do Sr. Alcebiades Delamare, isto é: a reunião, pelo menos, theorica, de todos os elementos, que estavam dispersos, sob uma só bandeira — a da *Acção Social Nacionalista* — erguida, felizmente, pelas mãos puras e nobres do Sr. Conde de Affonso Celso, hoje, incontestavelmente, o chefe desta campanha,

aquelle que mais justamente merece, da maioria absoluta dos nacionalistas, o acatamento, o respeito e a dedicação, taes as provas que já nos deu, em pouco tempo, de verdadeiro amor á causa abraçada, taes são tambem os seus titulos anteriores de intelligencia e honorabilidade.

Mas justamente porque assim é, deverá haver uma bem mais forte homogeneidade nos nossos actos, uma disciplina bem mais rigorosa em nossas manifestações, que as, até agora, patenteadas. De facto, se de nossa parte não tem faltado ao homem que é o Sr. Conde de Affonso Celso, todo o respeito e acatamento, ao Chefe, propriamente, nem sempre se tem prestado uma bastante seria obediencia[1]. E é evidente que não por espirito de rebeldia mas por falta de entendimento e accordo, claramente definidos, entre todas as consciencias que o querem apoiar, ou melhor, pela singularidade de que se resente a attitude de todo e qualquer individuo que não seja somente membro da Acção Social Nacionalista, mas della e tambem de qualquer das associações que a formaram. Já agora parece inconteste que não ha uma intima e solida cohesão entre todas as partes de que desejamos fazer um todo glorioso. E emquanto assim fôr, a verdade é que estaremos sempre enfermados de illogismo e, aos ohos de muita

gente bôa, sincera, intelligente, não isentos da suspeita de hypocrisia.

Dada a amplitude da *Acção Social Nacionalista*, o que tem predominado é o individualismo, pois aos grupos, como *Propaganda Nativista*, por exemplo, não é possivel conservar rigorosamente as suas caracteristicas, sob pena de perturbar a acção mais ampla e mais util da assembléa mais altamente representativa dos nossos ideaes.

Mas haverá exagero da minha parte quando assim aponto esta nossa intima contradição?

Vejamos.

Não já foi forçado o Sr. Conde de Affonso Celso a combater excessos dos nossos polemistas contra os portuguezes, e até a declarar que a *Acção Social Nacionalista* não faz absolutamente campanha contra esta colonia?

Eis aqui algumas palavras suas do artigo *Rebatendo invencionices (Gil Blas* 7-10-920):

«É preciso que haja, em nossa campanha, a maior prudencia, moderação e equidade, de modo que nenhum estrangeiro digno possa, com fundamento, queixar-se de qualquer expressão dos nacionalistas.

NÃO TENHO NEM POSSO TER ANIMOSIDADES CONTRA OS PORTUGUEZES, NEM CONTRA PORTUGAL, CUJAS GLO-

RIAS TANTA VEZ TENHO PROCURADO REALÇAR».

E depois:

«Nos numerosos artigos que sobre o assumpto (o nacionalismo) tenho publicado no *Jornal do Brazil*, bem como em trabalhos anteriores, e que datam de longos annos, verificará V. Ex.ª[1] que NUNCA FUI, E NÃO SOU HOSTIL AOS PORTUGUEZES MAS, AO CONTRARIO, DEDICO SINCERA CONSIDERAÇÃO AOS DIGNOS DESSE SENTIMENTO E Á SUA GLORIOSA PATRIA»[2].

E não vacillou o Sr. Conde de Affonso Celso em, nesse mesmo artigo, assignalar como de responsabilidade absolutamente pessoal, e por conseguinte sem a nossa sanção social, os artigos publicados pelo *Gil Blas* contra a nacionalidade portugueza e os portuguezes no Brazil.

Ora, vamos falar com franquesa: ou estamos a illaquear a bôa fé daquelle que proclamamos chefe de nossa campanha ou, de commum accordo, todos, chefe e soldados, estamos a representar uma indigna comedia.

Porque a VERDADE VERDADEIRA é esta: toda esta campanha se dirige primeira e principalmente contra o portuguez, contra

(1) Fala ao Snr. Conde Pereira Carneiro.
(2) Os versaes são meus.

o nosso ex-colonisador. Negal-o é negar a evidencia mesma dos factos, o sentido das palavaras, a logica de todas as nossas manifestações. Eu poderia citar aqui mil trechos, cem artigos seus, meu caro Bustamante, do Bomilcar, de dez outros collaboradores do *Gil Blas* para provar o que venho de dizer, e creio mesmo que V., nem por um momento, pensará em desmentir-me.

Mas estaremos mesmo, meu illustre amigo, entre as garras de um tão lastimavel dilemma?

Felizmente posso crer que não, que absolutamente não e outra é a explicação da nossa actual apparencia de desordem.

De duas conversas mais demoradas que tenho tido ultimamente com o Sr. Alcebiades Delamare — entre os sub-chefes do movimento, o mais prestigiado, realmente, o mais activo, e, portanto, o mais responsavel, creio mesmo ter podido, sem erro, deduzir que marchamos já, claramente, para um feliz entendimento e uma phase de disciplina menos vacillante. E com a responsabilidade que vem de assumir a *Acção Social Nacionalista*, lançando a candidatura do referido Sr. Delamare a um logar da proxima legislatura, na Camara Federal, é evidente que evolvemos das aspirações puramente sociaes para as realizações politicas, em que toda falta de discipli-

2

na será, por assim dizer, um crime de lesa patria, se é que estamos convictos dos beneficios que resultarão para o Brazil, de uma victoria como essa que aspiramos—isto é: que a Capital da Republica, esta infeliz maravilhosa cidade, em que o estrangeiro absurdamente predomina, tenha no Congresso Nacional um representante de idéas realmente nacionalistas [1].

Assim, meu caro Bustamante, estou certo de que já vencemos a phase puramente polemica da nossa campanha e entramos com vigor a da construcção e positivação dos nossos ideaes. E só nos resta esforçar-nos mais um pouco para que a nossa obra tenha este caracter de unidade que, unico, poderá isentar-nos da falta de logica com que, até agora, no ardor desta batalha, temos sacrificado muita sinceridade e muito desinteressado amor ao Brazil.

1 É bom notar que sou insuspeito para falar deste modo, pois nem ao menos posso ser considerado um amigo do Snr. Delamare, com quem só tenho mantido, até hoje, relações dentro do circulo em que nos movemos como correligionarios de ideas. Não. O que aqui me interessa é a feição que toma o movimento nacionalista com esta sua attitude propriamente politica. Quanto ao mais, se dei o meu assentimento á acclamação do Snr. Conde Affonso Celso para chefe do nosso movimento, é logico que lhe reconheça criterio e capacidade para actos tão serios como este da escolha de um nome para representar-nos no Congresso Nacional.

* * *

O que nos importa neste momento, o que mais importa a todo homem que, de bôa fé, faça ou queira fazer parte do movimento, iniciado, a meu ver, por Alvaro Bomilcar, pela doutrinação da *Brazilea*, é a determinação do que é, positivamente, o nacionalismo e, no Brazil, o que constitue as suas caracteristicas, o que deve ser acatado como idéa ou sentimento util ao que o Sr. Conde de Affonso Celso chamou: *a brazilidade*.

Que é o Nacionalismo?

Um escriptor portuguez, dos mais notaveis que tenho conhecido, pela sua temivel capacidade de raciocinar, o Sr. Antonio Sergio, não faz muito tempo que, no 1.º volume dos seus *Ensaios*, e criticando tão audaz quanto violentamente o nacionalismo portuguez, usou de todos os seus recursos de admiravel argumentador para não só mostrar a differença que ha entre patriotismo e nacionalismo, mas tambem convencer que este é inferior áquelle como idéa ou sentimento util no seio das sociedades modernas.

Para o Sr. Antonio Sergio o que houve nos dias gloriosos de Portugal foi patriotismo — isto é, amor, dedicação a uma obra commum, a uma missão historica (e diz elle

que a de Portugal foi inaugurar o Cosmopolitismo); afinal, o patriotismo é, a seu ver, a realisação por uma elite de uma idéa politica. O nacionalismo, diz elle, para ser legitimo, deveria ser «o estudo e a elaboração das realidades nacionaes feitos sob methodos e finalidade de um espirito universal».

Ao que me parece, em relação aos dois termos, houve da parte do Sr. Antonio Sergio, para usar de uma phrase sua «um transbordamento das palavras para fóra do leito do senso critico».

Mas no Sr. Antonio Sergio não é muito para estranhar que uma ou outra vez perca a visão humana das cousas, dado o seu immoderado racionalismo, o seu impenitente intellectualismo. Nem só de pão vive o homem mas nem só de idéa ha de viver, e até as idéas se não têm por si o alimento dos factos e a intima força do amor nada valem. A intelligencia humana não é uma luz secca, disse Bacon, e poucas vezes se elevou tão alto a sua palavra. Ora, a philosophia social dos racionalistas, como o Sr. Antonio Sergio, parece buscar os seus elementos ideaes não numa contigentissima natureza como a do homem, mas entre puros seres, taes como os anjos do credo catholico.

O Sr. Sergio dominado pela sua idéa feita de humanisação, que eu ainda traduzirei —

internacionalismo, cosmopolitismo, esquece que este sentimento de humanidade só é normal quando no mesmo homem o contraria, nos seus excessos, o sentimento nacional, o sentimento particularista, formador de todos os grandes povos, em todos os tempos.

Deixemos de lado a historia tão pouco esclarecida ainda dos povos mais antigos e demos toda a attenção aos povos da idade moderna, na sua constituição particularista, no seio da sociedade christã.

Teria esquecido o Sr. Sergio que a idéa politica, para realizar-se, precisa contar com uma força maior que a da consciencia de uma elite? A que move esta elite? Á multidão anonyma que, sobre um trecho de terra, constituiu uma patria, dada a esta palavra a sua significação commum em nossos dias. E o patriotismo é ahi o sentimento que a todos liga entre si, os factores minimos da multidão, e esta á terra em que assentou. A multidão tem hoje em dia o patriotismo, isto é, um sentimento natural, expontaneo, dê-se-lhe o nome que se quiser dar, e seja o ambiente patriotico mais vasto ou mais apertado e esteja a multidão arregimentada sob esta ou aquella forma politica.

A elite, os dirigentes, os que por direito divino, natural ou historico lhe impuseram este ou aquelle regimen politico, estes, pois

poderão organisar o que se pode chamar o nacionalismo, isto é: de um modo feliz ou infeliz, não importa, certo ou errado, a systematisação, digamos assim, do que hoje vulgarmente chamamos patriotismo, a racionalisação do que é puro sentimento ou, quando muito, tambem, um punhado de idéas rudimentares. E nacionalismo porque, de facto, á patria, que é reunião politica, originada da luta entre povos todos de origem obscura ou por demais complexa, procura-se dar o caracter de nação, isto é, de cousa natural, já perfeitamente delimitada. Esta a primeira aspiração de um nacionalismo. Sabemos que hoje, mesmo os povos de maior unidade ethnica, só constituem raças historicas. Pois bem: o nacionalismo é a acção de uma elite que, acertada ou erroneamente, repito, mas de bôa fé, quer dar a uma dada patria o sentimento e a idéa de que já a constitue uma raça historica, tão legitima quanto as que mais legitimas se julguem.

E com esta convicção a determinação dos ideaes que lhe são mais favoraveis ao seu pleno desenvolvimento, e dahi não só as iniciativas em prol da maior unidade e elevação moral e intellectaul dos typos humanos, na patria representados, como tambem as medidas de defesa para que se não perca esta

unidade ou se lhe não deixe perturbar a consciencia já adquirida de si mesma.

Nacionalismo seria, presentemente, a acção de todo governo, de todos os dirigentes politicos, se, de facto, os governos representassem sempre a maior capacidade de amor e de pensamento de um dado povo, mas nem sempre é assim e é por isto que se poderá ver, mais de uma vez, travada a luta entre os ideaes de uma nação e os ideaes dos seus dirigentes. Seja como fôr, porem, uma reacção contra este *espirito universal*, tal como o quer o Sr. Antonio Sergio, *espirito universal*, amor universal que é, realmente, um dado da vida moral do individuo e preceito religioso mas jamais força vivificadora na historia dos povos, ou melhor, que só pode ser o horizonte longinquo e não a terra em que se vive e de que se vive, só pode ser sentimento da sociedade, como sociedade, e não da patria, que é individualisação, legitima, porque universalmente victoriosa. E deste modo o nacionalismo nada mais é que o mesmo patriotismo na sua mais alta expressão que é a philosophica, racional, logica, systematica. Mas não uma philosophia, um racionalismo, uma logica, uma systematisação de idéas puras, de puras idealidades, mas de factos reaes, de sentimentos reaes, de idéas de ordem pratica.

Supponho que Alvaro Bomilcar resume

perfeitamente todos os aspectos desta questão:

«Somos todos — diz elle — condicionados pelo amor, é bem verdade; mas o amor da especie humana só é proposição verdadeira quando se inspria na idéa de familia e na concepção da Patria. O cosmopolitismo não é uma aspiração dos povos, não é uma necessidade: *é uma theoria;* e, como toda a theoria, philosophica ou politica, está sujeita a discussões e a contradictas; emquanto que o patriotismo é um sentimento natural, que jamais poderá ser discutido, não sendo possivel extirpal-o do coração humano, sejam quaes forem o gráo de cultura e o poder de abstracção a que attingirem os suppostos «espiritos emancipados.

O amor da especie humana não é uma idealidade, é uma regra moral, que deve ser praticada, tanto quanto possivel, mas sendo assim, não nos é dado concebêl-o invertido, marchando da peripheria para o centro, sob pena de contrariarmos as leis naturaes... Elle só anda, só deve andar mesmo, por circulos concentricos, para que os menores sejam os primeiros beneficiados, por se acharem mais proximos do centro, que é para uma sociedade politica o mesmo que o coração para os individuos. Esta sim, é que é a politica da fraternidade, do amor, da solidariedade, de

accordo com as leis do sentimento, que são as leis positivas da moral e da razão »[1].

Nestas palavras fica . tambem explicação bem clara do porque tem cabido em toda a parte, aos catholicos, a vanguarda do movimento nacionalista. O Sr. Antonio Sergio, numa nota á pag. 236 do seu referido livro, se deixou ver o seu espanto ante o pretenso absurdo de serem catholicos os mais fervorosos nacionalistas, foi somente porque ainda não foi buscar ás autoridades da Egreja a significação philosophica e pratica da sua catholicidade. Esta só se refere á fé e ao amor tambem, mas, justamente para salvar a este dos excessos, que são desregramentos, e não o deixar confundir-se com a paixão, o quer hierarchisado, respeitador da ordem natural em que se apresentam os phenomenos da vida social e humana.

Tanto o amor como a justiça seriam negadas, e antes forças cegas que não racionaes, se não obedecessem á ordem, se não estivessem no

1 *Politica no Brasil* — Intr., pags. 14-15. Aliaz eu diria: *com as leis do sentimento e as leis positivas da moral e da razão.* Supponho mesmo que é isto o que Alv. Bomilcar quiz dizer, pois não se comprehende que um catholico diga que as leis positivas da moral e da razão são leis do sentimento.

dominio da ordem que é, como diz de Maistre, o dominio mesmo de Deus[1].

E já Santo Ambrosio, de modo claro e insophismavel, assim exprimia o pensamento da Egreja nesta questão:

«A justiça deve-se, primeiramente, a Deus, em segundo logar á patria, em terceiro á familia e depois á humanidade»[2].

É a esta força de coordenação, que faz o desespero dos inimigos da Egreja, que já se chamou de «rythmo moral, medida interior, cuja immediata virtude é estabelecer espontaneamente uma larga unidade de pensamento e sentimento».

* * *

A mais difficil missão do verdadeiro nacionalista será, entretanto, a da critica das tradições da sua patria, porque, se a todas deverá respeitar, de algumas deverá fazer a constante apologia, para que se façam verdadeiros dogmas ante a consciencia de todos os membros da communidade. Mesmo porque aquillo que não seja digno de fazer-se ma-

1 J. de Maitre — Oeuvres completes, VIII vol., p. 149 — *Lettre à une dame russe.*

2 Cit. por M.gr Freppel — *Oeuvres pastorales,* I vol., pag. 411.

teria de fé jamais resistirá aos embates das paixões e dos interesses individuaes, e onde só estes prevaleçam ha de reinar a anarchia. Ora a patria deve ser para o nacionalista, tal como diz Maurras «dado indiscutivel», pois é «condição essencial do desenvolvimento de todo homem cioso da sua dignidade», e portanto, não um dado de ordem puramente intellectual mais sobretudo de ordem pratica.

Ora é necessario reconhecer tambem em algumas das tradições cujo conjuncto faz a riquesa espiritual de um povo, este caracter de cathegoricidade, pois ellas são como que os principios basicos do que se pode chamar o systema patrio. Nós, nacionalistas, só uma obrigação temos a principio: indagar da consciencia nacional quaes as tradições e os costumes, as idéas que de facto lhe são essenciaes.

E se não é facil esta indagação nos seus detalhes, é certo que são quasi sempre evidentes os dados que formam o espirito historico de uma nacionalidade. E delles, por methodo deductivo, não é impossivel alcançar-se tudo quanto realmente interessa defender na vida de um povo.

Ora uma regra a estabelecer sobre a propria palavra tradição é, como pensa tambem Maurras, que ella jamais pode ser revolucionaria. «A regra tradicional directora é o que legaram os antepassados, mas o que elles le-

garam de positivo, deducção feita do passivo da sua herança. A regra tradicional deduz-se do total dos elementos que se distinguem por um MAIS e não um MENOS, por uma existencia não por uma ausencia, por um ganho e por um progresso e não por uma falha ou uma destruição.

É deste ponto de vista que uma tradição é «integral, isto é, depurada e completa, como muito bem a qualificam o senso commum e a ethymologia do epitheto»[1].

Esta regra tem sido a universal e já a encontramos claramente exposta até em Platão: «Cada homem — diz elle — encontra no proprio berço certas opiniões feitas sobre a virtude, a justiça, o bello moral, pelas quaes somos por assim dizer nutridos e creados, e a que devemos respeito e submissão como a nossos paes. Quanto ás instituições contrarias que têm o goso, o prazer como objectivo, e parecem amimar a alma para a attrahir, um homem, por pouco sabio que seja ,as despresa.

Elle venera unicamente os dogmas nacionaes, só a elles obedece»[2].

Mas o que parece embaraçar a quem tem

1 *Le Dilemme*, 159.

2 Esta é a forma que deu José de Maistre — VIII vol., Oeuvres completes — *Sur l'éducation publique en Russie* — ao pensamento de Platão em *Da Rep.*, liv. VII.

uma tal concepção da «tradição integral» é que nós, americanos, temos que basear a nossa numa revolução, isto é, na violenta separação que estabelecemos entre nós e as metropoles. É de notar, porem, que só apparentemente tem caracter revolucionario a nossa tradição. Quando nós, tradicionalistas, nacionalistas, catholicos, condemnamos a Revolução, damos tambem a este termo uma significação limitada: a Revolução é a negação justamente dos dogmas nacionaes, parallela quase sempre á negação religiosa. A verdade no nosso caso é que com um acto de força creamos um *mais*, para falar como Maurras, ou melhor, fizemos que se reconhecesse a existencia de um novo plano espiritual sobre o qual seria possivel desenvolver-se uma tradição nova, pois que o americano, desde que o era, já não era mais nem inglez, nem hespanhol, nem portuguez, mas um novo factor da historia do mundo christão, perfeitamente differenciado, caracterisado, pela novidade do scenario e a complexidade dos elementos da sua formação, e circunstancias religiosas e politicas especialissimas.

* * *

A tradição brazileira, por exemplo, se evidencia, já na vida colonial mesma, se bem que reprimida pela metropole, como catholica e

anti-luzitana, quer dizer, tendo por si o elemento da fé, que fazia «a unidade formal do nosso caracter» e um movel politico determinante da sua constante aspiração de autonomia.

E tanto foi assim que muito cedo vimos adoptadas pela elite pensante brazileira as idéas republicanas, talvez por simples opposição á tradição politica da metropole.

A implantação mesma da monarchia, entre nós, com todos os beneficios que nos trouxe, reconhecel-o-á o mais convicto dos nossos monarchistas, jamais apagou os traços da mal disfarçada aversão.

Temos assim, meu caro Bustamante, dois pontos claros, fixos, da nossa formação historica, sobre os quaes, por sua vez, se devem fixar os olhos de todos os verdadeiros nacionalistas.

Partamos d'ahi e analysemos, no entanto, a actual situação do Brazil e vejamos quaes, a meu ver, deveriam ser as leis basicas do nacionalismo brazileiro na hora presente:

— Pode-se ser, verdadeiramente, um nacionalista brazileiro sem o amor da Egreja Catholica?

Ponho de lado, meu amigo, a discussão propriamente historica sobre a influencia do Catholicismo no Brazil, e formulo esta simples pergunta:

— Dado que o Nacionalismo quer ser a arregimentação de todas as forças do paiz, qual é a que, na ordem religiosa e moral, entre nós se apresenta com caracter universal — qual a da maioria absoluta dos brazileiros?

Parece-me que a resposta de todo homem de bôa fé, amigo ou inimigo da Egreja, só pode ser esta: o Catholicismo.

E sob esta pergunta mais estas:

É o Catholicismo doutrina tolerante, capaz de supportar uma ligação com doutrinas que a neguem? Poderá alliar-se na sua acção social a doutrinas de fundo individualista?

Absolutamente não, sabe V. tanto quanto eu. A tolerancia, dizia muito bem de Maistre, é um honesto synonimo de indifferença[1], e a indifferença é crime para o catholico.

Nós sabemos que a Egreja, condemnando a intolerancia que impõe ou fórça, legitíma a intolerancia que defende, e proclama a obrigação da intolerancia doutrinal. E nem pode deixar de ser assim se ella está convicta de ser a portadora da verdade que, por sua propria natureza, combate sempre o erro e a duvida. «A intolerancia é uma lei FUNDAMENTAL, VITAL para todo ser individual ou collectivo. Nem povo, nem particular pode viver e prosperar se não tem o direito e o poder

1 *Oeuvres complètes*, VIII, 152.

de resistir ao que faz obstaculo a seu normal desenvolvimento.

É uma questão de vida e de morte: é a luta pela existencia »[1].

Ora, supponho, que é, no Brazil, como em toda parte, direito da santa Egreja o defender-se no terreno, da organisação social; que ella saberá soffrer com coragem todas as negações, todos os combates, mas jamais consentirá na alliança das suas forças com as forças do individualismo moderno.

E nada mais faço aqui, meu bom amigo, que provocar da parte de todos os grandes nomes do Catholicismo brazileiro, já envolvidos neste movimento, o proprio Sr. Conde de Affonso Celso, os Lacerda de Almeida, os Feicio dos Santos e tantos outros — uma palavra tão clara e definida que, pelo menos, dê motivo a que se faça ouvir, por sua vez, a voz da autoridade religiosa.

Porque, repare bem: antes de ser o catholico praticante que aqui lhe fala, tambem já fiz, por ignorancia já se vê, a apologia do jacobinismo. Mas eis o que de certo vale a pena saber: pode um catholico fazer parte de um movimento social que certos criterios individualistas proclamam alto e bom som, de ja-

1 Sortais — *Traité de philosophie*, II. 266.

cobino, como já ouvi de um dos nossos correligionarios mais sinceros e dedicados?

Não será uma tal questão digna da attenção de todos nós?

Dir-se-á talvez que o jacobinismo, entre nós, nada mais é que uma dessas necessarias intolerancias, com que se defende a sociedade brazileira neste momento decisivo da sua historia. Não sei porque se mude o sentido ás palavras, quando já universalmente reconhecido, e todo necessario rigor doutrinario e pratico na ordem do nacionalismo, desde que tenha uma orientação moral realmente catholica, jamais poderá confundir-se com a furia da paixão e a morbidez de uma desconfiança transformada em padrão e guia de todos as nossas relações com os demais povos do mundo.

A fé interessa o homem todo e é obrigação do catholico ser, tanto na ordem politica como em outra qualquer, um catholico, isto é, um ser normal, equilibrado, moldando á sua razão, enobrecida pela fé, até o amor que dedica a todas as cousas terrenas, quanto mais as desconfianças e as reservas com que se deva manter deante seja do que fôr.

— E o nosso anti-luzitanismo, até onde é elle razoavel, presentemente?

Já vimos nós as palavras do Sr. Conde de Affonso Celso.

Consinta V. agora que, separando-me mais uma vez de Alvaro Bomilcar, como jamais me conformara ao seu accentuado americanophilismo, fique de todo ao lado do chefe supremo da Acção Social Nacionalista.

E vejamos quaes as meditadissimas razões do meu voto expresso nesta tão irritante quanto importantissima questão.

Estou ao lado do Sr. Conde de Affonso Celso porque, primeiro, como catholico, (veja V. quão importante é aquella já tratada questão) como catholico, não posso negar que o povo portuguez faz parte da verdadeira civilisação, da civilisação creada pela Egreja e de que esta é a maior responsavel. O portuguez em si jamais poderá, emquanto me conservar Deus no seio da sua Egreja, merecer-me despreso, odio ou mesmo um puro indifferentismo. Pelo contrario: devo amal-o nas suas tradições, na sua historia, nos representantes do seu Christianismo. Não está em mim, não é do poder de mais ninguem na terra negar que ao povo portuguez coube, atravez dos seus erros, das suas desgraçadas ambições, do seu espirito de cobiça, uma alta missão de fé catholica; não posso negar que um portuguez escreveu *Os trabalhos de Jesus*, que um outro foi S. João de Matha; que um portuguez foi a primeira figura do Concilio de Trento, e que entre os martyres e os heroes

que teve a Companhia de Jesus nas terras brazileas a absoluta maioria foi de portuguezes.

O meu ajuisar mesmo sobre a colonisação portugueza na America, colonisação de que surgiu o Brazil, é, pelo menos, positivamente, menos illogica que a da maioria dos que dominam, neste momento, o movimento nacionalista.

Não sei, meu amigo, como conciliar aos olhos do bom senso, a apologia dos jesuitas e de Eduardo Prado, por exemplo, tal como se tem visto em paginas do *Gil Blas*, com a apologia de Calabar, feita neste mesmo pamphleto, sob o pretexto de que aquelle brazileiro de triste memoria, melhor que a maioria absoluta dos seus patricios, conheceu as necessidades da patria, naquelles dias, e por isto pugnou em favor da dominação hollandeza.

Mas não foram os Jesuitas que fizeram o Brazil catholico, este mesmo Brazil que, contra a expressa vontade da metropole, repelliu e expulsou o conquistador protestante que, a principio, por lhe respeitar a crença tradicional, fôra até recebido com sympathia?

E já houve no mundo quem fizesse maior apologia da colonisação portugueza do que Eduardo Prado?

Não foi elle quem, com a palavra insuspeita de Manning, definiu-lhe a superioridade

sobre a colonisação ingleza ou hollandeza, justamente porque ella foi, como a hespanhola, uma colonisação de caracter catholico, creadora de povos e não simples conquistadora de territorios, de que se eliminou o autochtono?

E teria sido, reflictamos, meu amigo, melhor o destino do Brazil na mão dos hollandezes que o destino de Java ou de Samatra? Supponho que era isto mesmo o que perguntava Eduardo Prado.

E quando fôra errado o criterio do Brazil que, representado em todas as raças aqui caldeadas, preferiu o dominio portuguez ao dominio da Hollanda, pergunto-lhe eu: — se o nacionalismo pode fazer, coherentemente com os seus principios basicos, a apologia de uma consciencia individual que teve a temeridade de contrapor-se ao sentimento collectivo dos seus patricios, isto é, de contrapor-se violentamente á consciencia da sua patria?

Eu sempre preferirei, meu caro Bustamante, — fossem quaes fossem os moveis da deserção de Calabar — render culto ás memorias menos obscuras de Henrique Dias, Vidal e Camarão. E se é que precisamos de mais um heroe legitimamente brazileiro, e cuja gloria ha de ser eterno remorso de portuguezes, então glorifiquemos Jaguarary, o Simão Soares dos portuguezes. Porque este, sim, foi mostra de inexcedivel brilho, do quanto sa-

bia ser leal o sangue indigena para com aquelles mesmos seus crueis tyramnos.

E nem quero aqui esmiuçar questões, a meu ver, de menos importancia.

Porque não me seria difficil e, certo, V. sabe disto, documentar com a palavra de historiadores protestantes, hollandezes mesmo, tudo quanto entendesse dizer do barbaro rigor com que estes tambem trataram ao nosso indio e ao preto, que já aqui encontraram. V. certamente conhece aquelle lindo trecho de chronista, tão lindo quanto outros em que se descrevem proezas luzitanas de egual quilate:

«Tratamos especialmente os brazilienses como elles costumam fazer com os nossos. De modo que, junto com grande numero de armas, arcos e flexas, diversos levaram para o quartel muitos narizes e orelhas espetadas nas espadas. Assim o meu Sr. Major de Bersted, como heroico cavalleiro que era, offereceu ao Sr. Coronel a sua espada cheia, até metade da lamina, de narizes e orelhas, e ainda outros fizeram-lhe egual presente»[1].

Julgo, sinceramente, meu caro Bustamante, que o verdadeiro patriota brazileiro o mais que poderá dizer em favor de um typo como

1 Richshoffer — *Diario de um soldado da Companhia das Indias Occidentaes*, pag. 92 da traducção brazileira do Snr. Alfredo de Carvalho — Recife, 1897.

Calabar é que não devemos espesinhar a sua memoria e sim esforçar-nos por ter da sua tragica vida um julgamento menos eivado de qualquer preconceito pró ou contra ella, mas sim baseado em documentos, cada vez mais positivos, de incontestavel historicidade[1].

Elle poderá ser, depois disto, julgado um homem menos miseravel e ambicioso do que o pintaram os seus contemporaneos, justamente indignados com a sua traição — mas o que não poderá ser nunca é um heroe da nacionalidade brazileira. Porque se é facto que esta nacionalidade teve um momento em que, pela primeira vez, se definiu com clareza, foi justamente aquelle em que, soffrendo todas as miserias da administração portugueza, ainda assim tomou a si defendel-a, com heroicidade jamais por nós excedida, preferindo-a á que resultaria do «espirito de ganenciosa rapinagem, e do baixo mercantilismo sem es-

1 O conego Pinheiro, a quem Rocha Pombo cita e apoia, define qual deve ser a attitude de todo espirito que de boa fé queira attentar nesta questão: *«nunca mereceram as nossas sympathias*— diz o conego Pinheiro, digo eu e devem dizer commigo todos os nacionalistas brazileiros — *nunca mereceram as nossas sympathias a conducta dos Alcebiades e a dos Coriolanos,* mas antes de condemnal-os conviria ouvir as razões do seu desespero e anathematizar os causadores de tão lamentaveis excessos.» Cit. da pag. 245, vol. IV da *Hist. do Brazil,* de Rocha Pombo.

crupulos que presidia á celebre Companhia das Indias Occidentaes, cujo dominio ainda hoje mal avisados patriotas lamentam não se tenha perpetuado entre nós»[1].

O proprio Southey que, como todos nós sabemos, era protestante, não deixou de observar com muito acerto, como diz Rocha Pombo, que *eram os hollandezes menos liberaes que as suas leis* e este, penso eu, foi tambem o defeito mais grave da colonisação portugueza.

1 V. *Diario de um Soldado* — Richshoffer. — Noticia bibliographica, feita pelo traductor Snr. Alfredo de Carvalho. Tambem a respeito de Calabar acho de bom aviso meditar as palavras de Porto Seguro *(Hist. das lutas com os Hollandezes no Brazil*, ed. de 1871, pag. 58): «Contra depoimentos tão explicitos, não nos é permittido, sem offender os principios do criterio historico, oppor conjecturas, para, com mal entendida generosidade, pretender desculpar essa deserção, origem de tantas lagrimas para a patria. É inquestionavel que como militar, ajuramentado ás bandeiras, o Calabar foi perjuro, desertando dellas, e que, como subdito, abrindo o exemplo á deserção, e prestando serviços na guerra contra a sua patria e os seus concidadãos, foi ao mesmo tempo traidor. Ao effectuar a deserção, no dia 20 de abril de 1632, fel-o de um modo tão pouco justificavel aos proprios olhos do chefe contrario que, quando já lhe estava prestando valiosos serviços, o mesmo chefe desconfiava da fidelidade do novo transfuga, e de officio (off. de Wurdenburgh de 9 de Maio de 1632) o tratava de negro (eenem Neger) e com certo desprezo (dom Volck). E, poucos annos depois, o eloquente historiador hollandez (Barleus, Rerum, etc., ed. de 1647, pag. 37) não duvidava declarar que no patibulo havia o mesmo Calabar expiado a sua infidelidade e deserção.»

Cousa para mim incomprehensivel é que nacionalistas que se dizem catholicos (e já lhe disse que tambem não comprehendo o que é um nacionalista não catholico, no Brazil) cousa para mim incomprehensivel, repito, é que nacionalistas que se dizem catholicos façam a apologia dos que á população catholica do Brazil negaram até a legitimidade do casamento que não fosse feito por ministro protestante...[1]

Assim, meu amigo, creio mesmo que, do meu ponto de vista, não vale a pena discutir qual a colonisação que mais servia ao Brazil... a que Brazil, meu caro Bustamante? Porque realmente o unico que tem realidade historica, que já a tinha quando aqui aportaram os hollandezes, é este mesmo que somos, nós, descendentes de portuguezes, indios, negros, etc., mas em que o portuguez foi, pela força, mas tambem pela religião e lingua, o coordenador, o artista, se nem sempre feliz na technica, feliz pela inspiração e ainda mais

1 Rocha Pombo — Obr. cit., vol. IV, 411. Tambem outra imposição foi a da lingua ...e, certo, não se dirá que a hollandeza é superior á portugueza, nem melhor «tumulo do pensamento» que esta. Quem quizer aprofundar o que foi o «liberalismo» hollandez em Pernambuco e não se quizer fiar sómente do que diz o nosso grande historiador agora citado (Ver todo o § IX do cap. III, parte V, cit. vol.), é ler o proprio Southey na sua tão conhecida *Historia do Brazil*.

feliz no que realizou, que é isto que ainda mais ou menos somos e, com forças novas e novos enthusiasmos, vamos impondo ao mundo, como digno de ser amado e respeitado.

E é porque foi o portuguez este coordenador que, de nós, desde que nos sentimos nós mesmos, poder-se-ia dizer o que o grande Bolivar dizia das ex-colonias hespanholas: « No somos indios ni europeos, sino una especie media entre los legitimos proprietarios del país y los usurpadores españoles; en suma, siendo nosotros americanos por nacimiento y NUESTROS DERECHOS LOS DE EUROPA, tenemos que disputar éstos á los del país, y que mantenernos en él contra la invasión de los invasores» *(Carta de Jamaica* — cit. por C. Pereyra — *Bolivar y Washington*, 293, 306).

As palavras que griphei teem grande importancia, e quem queira estudar a historia de qualquer povo americano deve tel-as sempre presentes.

Eu não nego, absolutamente, que a colonisação portugueza tivesse actos repugnantes, infames, na America, taes como repugnantissimos e infamissimos os teve na Africa e na Asia. E nem precisamos outras fontes de informação que a dos proprios chronistas e historiadores portuguezes, não tão inveridicos como os querem representar ultimamente alguns publicistas mais notaveis do movimento na-

cionalista. E nem é preciso ir buscar as memorias daquelle bom soldado das Indias, publicadas pelo Costa Lobo... até nos autos de Gil Vicente não é menos dura a linguagem:

> Fomos ao Rio de Meca,
> Pelejamos e roubamos [1]

Não ha negar que, logo ao definir-se o typo brazileiro, logo ao formar-se a primitiva sociedade propriamente brazileira, o espirito anti-luzitano apparece dominando todos os nossos ideaes e fortalecendo-se ao espectaculo das injustiças que soffriamos, mesmo no exercicio da nossa lealdade ao GOVERNO portuguez como foi o caso da guerra contra os hollandezes.

O facto é que o antagonismo entre o espirito brazileiro e o espirito portuguez foi creação da propria metropole, cuja vida, já na epoca do descobrimento, era uma grosseira desordem de ambições e idealismos, caracterisada pela ganancia, por um desesperado amor ao ganho, por um materialismo social a que mal disfarçava a poetisação do seu imperialismo, e em contraste absoluto com as

[1] Do *Auto da India*, cit. por A. de S. S. Costa Lobo na publicação que fez das *Memorias de um soldado da India* (Francisco Rodrigues da Silveira) cap. XVIII, pag. 178.

suas mais generosas leis, decorrentes do direito christão[1].

«Quando se chega ao seculo XIX — diz Rocha Pombo — sente-se muito nitido que a obra da metropole aqui deixou no animo da colonia um profundo resentimento, uma desconfiança irreductivel, que afinal se converteram em viva antipathia e repulsa por tudo que de lá nos vinha. E taes sentimentos não se manifestavam só no antagonismo gerado entre filhos da terra e filhos do reino, entre brazileiros e portuguezes: dos homens a aversão passou ao proprio paiz, etc.»[2]

Não nego, de modo algum, os erros, as miserias da colonisação portugueza, origem do mesmo antagonismo que verificamos. Nego sim, que tal colonisação possa ser, com jus-

1 Talvez, do ponto de vista historico, a unica explicação cabivel do contraste entre a elite intellectual portugueza e o desregramento de ambições do povo portuguez, esteja no facto de ter sido a sociedade lusitana victima do mais avassalador e indomavel veneno judaico. Os estudos do Snr. Lucio de Azevedo (v. *Revista de Historia*, Portugal) prova que não houve reacção, por mais violenta, que vingasse conter a expansão do sangue judeu na sociedade portugueza, alterando-lhe profundamente o caracter. Já Vieira observara que para o resto da Europa *portuguez* e *judeu* eram synonimos.

2 R. Pombo — Obr. cit., vol. V, pag. 774. Aliaz R. Pombo lembra que o que aqui se deu foi commum á formação de todos os povos latino-americanos.

tiça, julgada inferior á ingleza ou hollandeza, ou outra qualquer de povo que já se houvesse desprendido da grande e sagrada arvore do Catholicismo.

Muito menos interesse que tudo quanto vim discutindo me merecem questões taes como a do descobrimento do Brazil, a lingua nacional etc., tão discutidas ultimamente.

A ambas, que ennunciei, me parece responder o bom senso em poucas palavras:

— pouco adeanta saber quem *descobriu o Brazil;* quem delle tomou conta é o que importa saber — e foi ao portuguez que coube esta gloria; — não ha grammatico portuguez nem philologo brazileiro que seja capaz de negar, estando no seu perfeito juiso, que falamos o portuguez; não haverá tambem quem, de bôa fé, possa negar que, no Brazil, o portuguez tem soffrido e ha de soffrer modificações mais ou menos importantes e, de minha parte, direi que algumas dellas concorrendo para maior belleza da lingua.

* * *

De modo muito diverso julgo que deve tratar o verdadeiro nacionalista do nosso problema nacional em relação ao portuguez.

Creio que posso enunciar o que é essencial do nosso movimento em poucas palavras:

— O VERDADEIRO NACIONALISMO BRAZILEIRO É AQUELLE QUE, AMANDO A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DE QUALQUER ESTRANGEIRO, EM NOSSA PATRIA, QUER QUE ESSE ESTRANGEIRO JAMAIS ESQUEÇA QUE O POVO BRAZILEIRO É O UNICO QUE AQUI PODE TER SITUAÇÃO PRIVILEGIADA, JAMAIS ESQUEÇA QUE É AQUI TÃO ESTRANGEIRO QUANTO NÓS O SOMOS EM SUA PATRIA. E, SOBRE TUDO, POR ESPECIALISSIMAS RAZÕES HISTORICAS, IMPOE AOS PORTUGUEZES AQUI DOMICILIADOS QUE TAMBEM JAMAIS ESQUEÇAM QUE SÃO ESTRANGEIROS, TANTO QUANTO O FRANCEZ, O ALLEMÃO OU O JAPONEZ.

Bem comprehendida, bem meditada esta doutrina — que é a que pode, isenta de qualquer extremismo, ser a de qualquer catholico brazileiro — penso que, a quem conhecer as condições actuaes da nossa vida social, principalmente no Rio, jamais poderá causar espanto que o nosso nacionalismo vise, antes do mais, esclarecer aos portuguezes qual deve ser o seu papel no scenario da vida brazileira.

Se os portuguezes meus amigos, se os homens intelligentes de Portugal tambem me quizerem ouvir, eu lhes direi, com a serenidade que me fôr possivel manter ante tantas infamias, o porque é, já agora, impossivel ne-

gar a justeza com que de Torres Homem a Alvaro Bomilcar, o verdadeiro nacionalismo brazileiro vem combatendo, mais ou menos systematicamente, não só a colonia portugueza mas tambem alguns brazileiros que, de modo insolito, pugnam em favor desta colonia, buscando impôl-a ao nosso conceito e á nossa estima como colonia, com justiça, privilegiada, á parte, singular, não propriamente colonia mas força intrinseca da nacionalidade, não povo que para aqui vem collaborar comnosco uma *civilisação brazileira* mas povo a que, de direito, cabem as mesmas vantagens que só o brazileiro deve ter no solo da patria.

Ora, tudo quanto um portuguez mesmo deve ter em conta, se conserva intacto o bom senso, é que justamente por ser quem é, justamente porque foi aqui o senhor, deve ser a sua attitude ainda mais respeitosa para comnosco do que a de outro qualquer estrangeiro. Nós sabemos quão inconsistente é uma ligação de comadres, em que não são respeitadas as leis do bom senso e da educação, permittindo intimidades exageradas e creando, pouco a pouco, um mundo de hypocrisias.

Qual o estrangeiro que não sabe que entre brazileiros e portuguezes — não entre individuos de ambas as nações — mas entre um e outro povo, ha uma completa desconfiança?

A nós, brazileiros, esta é que é a sin-

ceridade, a verdadeira verdade, pouco nos importam os improperios da imprensa de Lisbôa ou do Porto em relação ao nosso movimento nacionalista: importa-nos somente que aqui, por parte dos portuguezes, taes improperios não possam ser repetidos. Nós estamos absolutamente convictos que, do ponto de vista politico e economico, Portugal pouco ou nada nos vale. Podemos estar em erro e não podemos impedir que os portuguezes pensem outro tanto de nós, em relação á vida politica e economica de Portugal. E se não é possivel aos portuguezes o respeito que delles aqui exigimos, o certo é que deverão dar-nos uma bôa lição, retirando-nos a sua ajuda. Nós então veremos se nos é possivel viver sob o peso de um tal abandono...

Verdade verdadeira — repito — é que os portuguezes devem comprehender que, como bem diz Alvaro Bomilcar, «as nacionalidades não se constituiram por meio de formulas vãs de sentimentalismo, e mesmo quanto aos individuos, postos no mais alto gráo de moralidade e altruismo, ninguem tomará por prudente e avisado aquelle que franquear a sua hospitaldade a parentes que pretendam mandar na sua casa, nos seus filhos e na sua fazenda mais do que o legitimo proprietario»[1].

1 «Politica no Brazil», pag. 45.

E' o caso com que exemplifica Alvaro Bomilcar para mostrar o que é justo em taes relações é mesmo o que se passou e ainda se passa entre Portugal e a Hespanha, desde que «o esforço de Affonso Henriques, nos campos de Ourique e em Val de Vez, deu ganho de causa a Portugal, e fez-se a independencia da patria de Viriato»[1].

Não ha portuguez que, de facto, conheça um pouco da nossa historia e não verifique, em toda ella, o antagonismo que vem do mais longinquo da nossa formação historica, entre os seus interesses e os nossos, no terreno das realisações sociaes em todo o vasto territorio brazileiro.

A qualquer filho intelligente de Portugal não é possivel com sinceridade, negar que, entre brazileiros e portuguezes, ha datas terriveis, que serão eternamente lembradas, porque são glorias da nacionalidade brazileira, ha, haverá sempre o sangue de 17, o sangue de Tiradentes, o sangue dos heroes de Pirajá. Se, de facto, houvesse tão grande harmonia entre os nossos ideaes e os seus, é claro que nada saberiamos de Mascates e Emboabas e até o reino abandonado por D. João VI porque ter-se-ia feito o Imperio de Pedro I?

E nem é preciso uma resenha de datas

1 «A Politica no Brazil», pag. 24.

e factos que são como os marcos da nossa luta. A propria feição da vida moral e economica, muito cedo, mesmo dentro do Brazil, se differençou de modo accentuado, em tendencias oppostas, entre o elemento portuguez e o typo verdadeiramente nacional, tal como eloquente e documentadamente acaba de provar o Sr. Oliveira Vianna[1].

Mas de onde vem então a illusão em que vivem a grande maioria dos portuguezes e não pequena parte da população brazileira, de que nada mais natural que a harmonia entre o Brazil e a sua ex-metropole?

O porque a pratica destas relações é o desmentido mais completo desta sonhada harmonia, é o que esclarecem todas as paginas de Alvaro Bomilcar, em que me baseio para falar como estou falando.

O caso é que — e mesmo os nossos mais convictos monarchistas teem que reconhecer a verdade do que vamos dizer — o caso é que a maneira, pouco honrosa para nós, com que se realisou a nossa Independencia, e a constituição do Imperio, sob uma dynastia de origem portugueza, crearam uma athmosphera especial de insinceridade, podendo os nossos governo impôr á natural bonhomia do nosso

1 V. «Populações meridionaes do Brazil», I vol., 1920.

povo, uma situação de facto, de todo contraria aos seus direitos.

O commercio privilegiado da ex-metropole aqui poude continuar a exercer o seu predominio, sem que realmente uma só medida séria fosse tomada contra um tal predominio, apezar dos protestos de um ou outro representante da nação, protestos registrados por Torres Homem na sua indignada analyse desses factos, já em 1865[1].

Compenetrado o commercialismo portuguez de que o Brazil só apparentemente deixara de ser cousa portugueza, foi pouco a pouco solidificando, mais ou menos conscientemente, uma especie de liga de interesses com que, mais ou menos ostensivamente, poude excluir o brazileiro deste ramo de actividade, pelo menos na capital do paiz e em algumas das nossas mais importantes cidades do littoral.

E no Rio tudo veio a favorecer os seus inconsiderados propositos de recolonisação com o apparecimento da grande imprensa, não já de caracter propriamente politico, mas industrial, que facilmente lhe cahiu nas mãos e de onde ainda mais facilmente poude impôr-se á opinião publica ou melhor aos meios politicos da nação.

1 V. «O Libello do povo», por Timandro (T. Homem) edit. em Lisboa, 1865.

Baldados foram todos os protestos dos patriotas esclarecidos, até que do apparecimento da *Brazilea* para cá, isto é, de apenas cinco annos a esta parte, a reacção vae crescendo, formando contra os portuguezes aquella «grossa nuvem do futuro», a que alludiu o Sr. Paul Adam, publicista francez, que com o maior espanto e a mais rigorosa verdade verificou a mais triste anomalia da nossa vida e a descreveu em paginas que são uma lição para o Brazil e devem ser meditadas por todos os portuguezes, que sinceramente nos estimem [1].

E só á existencia desta athmosphera artificial, de que a maior culpa está no liberalismo excessivo das nossas leis, liberalismo que vae ao ponto de permittir que estrangeiros estejam á frente da imprensa politica do nosso paiz — só á existencia desta athmosphera de humilhantes falsidades, faz possivel que, ainda hoje, casas commerciaes da maior importancia, possam ter, ao que se diz, registrados na Junta Commercial desta cidade contractos em que se obrigam os seus socios a não empregarem jamais a brazileiros, faz possivel tambem este contraste: a ridicula propaganda de uma Confederação luso-brazileira, e cousas de egual quilate.

1 V. P. Adam — «Visages du Brèsil».

Ora, TUDO ISTO DEVE, TEM QUE CESSAR se é que, positivamente, ha da parte dos portuguezes o desejo sincero de trabalhar comnosco a prosperidade deste paiz, não só do ponto de vista economico mas tambem do ponto de vista moral, o que pode fazer todo e qualquer estrangeiro, realmente conscio do seu papel, no seio de uma nacionalidade nova como a nossa.

TUDO ISTO DEVE E TEM QUE CESSAR se os portuguezes não mais podem elevar-se a esse sincero desejo, e então pela força mesma do nosso patriotismo cada vez melhor orientado e mais bem organisado para esmagar as velleidades de quem quer que seja, dentro em nossa patria.

Nós, os nacionalistas brazileiros, sabemos perfeitamente que a maior culpa do que se passa não cabe ao portuguez e, sim, a nós proprios, isto é, aos nossos dirigentes, e por isto mesmo não desesperamos de estimal-os, a elles, portuguezes, como, de facto, merecem por muitas qualidades que lhe são proprias e em que, mais de uma vez, nos reconhecemos seus herdeiros.

Tem sido, ás vezes, a nossa campanha contra este estado de cousas demasiado violenta — e esta profissão de fé, que aqui renovo, é mesmo como um protesto contra estes excessos a que, como catholico militante não

posso dar o meu apoio nem emprestar a minha solidariedade. Mas não é ocioso observar que jamais os portuguezes mais intelligentes poderão imaginar á força de quanto humilhante e doloroso silencio explodiu, por fim, a nossa revolta, ante a misera situação em que não era possivel na grande imprensa do nosso paiz, dominada pelos seus patricios, tratarmos assumptos desta ordem [1], mesmo de um ponto de vista doutrinal, sereno e imparcial. E assim, o que poderia ter sido doutrinação isenta de odios, conciliadora, teve que tomar, para poder viver, a aspera feição do que Newman chamaria as idéas energicas contrariadas.

E falemos franco: terá sido menos aggressiva a linguagem de jornaes e livros portuguezes contra nós, e até de jornaes genuinamente portuguezes editados em nosso paiz?

Não quero citar factos e esquivo-me a

1 Para comprehender-se até que ponto chegou o absurdo da nossa situação basta citar palavras como estas de Afranio Peixoto, escriptor absolutamente insuspeito de desamor aos portuguezes: «O Brazil libertou-se do governo portuguez; continua comtudo, a supportar, agora sem mais impaciencias a ascendencia dos lusitanos no seu commercio, industria, imprensa e até nas letras, á qual nos submetemos com uma passividade que não seria tamanha se viesse apenas da gratidão do que fizeram por nós, pelo que lhe devemos, de tradição e exemplos.» *Minha terra e minha gente*, pag. 142.

transcripções que só poderiam causar indignação, mas é mister não esquecer esses factos quando se pretende estudar com imparcialidade o movimento nacionalista brazileiro. E como não indignar-se o coração de um patriota brazileiro ante certas consequencias deste estado de cousas, que venho de summariar? E não é só, como já disse, contra os portuguezes que clamamos e nos revoltamos mas tambem, e até principalmente, contra o desleixo dos nossos dirigentes politicos.

Pois não é certo que até mesmo a um escriptor portuguez, de real talento, o Sr. Malheiro Dias, já coube lembrar-nos uma dessas mais tristes consequencias?

De facto, basta imaginar no Brazil, do ponto de vista puramente geographico, para que ninguem possa negar que uma só especie de emigração nos é util e realmente desejavel: a emigração que se destine á lavoura. Entretanto a miopia ou covardia dos nossos dirigentes tem consentido, até hoje, que, sob a influencia do commercialismo lusitano, seja a emigração portugueza A UNICA que, no Brazil, só ás cidades se dirige, tornando cada vez mais premente o problema da habitação e mais insupportavel a carestia da vida, como pode verificar, no Rio, qualquer observador imparcial.

A propria emigração italiana está longe

de identificar-se com a portugueza neste sentido, pois se sabe que uma grande parte della se dedica á lavoura no Estado de S. Paulo e já é mesmo o elemento quase predominante da vida rural no sul de Minas.

Ora, é evidente que, se o patriota brazileiro deve olhar com desconfiança o accumulo de elementos germanicos em certas zonas do sul do paiz, — condemnando sobretudo o pouco caso que de nossos governos tem merecido aquelle problema — não poderá tambem silenciar ante a absurda orientação da emigração portugueza, que vae concorrendo poderosamente para o nosso desequilibrio social, em todo o littoral do paiz, assim como rebaixando as melhores qualidades do proprio luso que, arrancado á vida sã do campo, em sua patria, em pouco tempo, de envolta com as perversões de um tão intenso urbanismo, ajusta á ingenuidade que lhe é propria a grosseirice de todos os servilismos, naturaes a uma vida para elle proprio cada vez mais difficil.

E a nossa defesa neste sentido é cada vez mais necessaria. Já o velho e preceituoso Camões era assim que falava:

> Que o grande aperto em gente, inda que honrosa
> Ás vezes leis magnanimas quebranta [1].

[1] *Lusiadas*, c. VIII, 7.ª estr.

É evidente que não vamos pedir ao portuguez culto e intelligente, como não pedimos ao allemão, ao francez, ao italiano, em eguaes condições, que para cá venha fazer-se camponez, cultivador, etc. Não, a este só indicamos que tome uma attitude mais coherente com o patriotismo da nação que generosamente o acolhe, e que tambem concorra com o seu conselho para alliviar-nos do peso que os seus patricios menos cultos vão constituindo em nossa vida social.

* * *

Creio, meu caro Bustamante, que, se nem sempre mantive no que escrevi, a feição epistolar, que escolhera, pelo menos deixo claramente expresso e definido tudo quanto, como catholico, aprovo e defendo do movimento nacionalista, a que me filiei desde a fundação da *Brazilea.*

Não adherindo, de modo algum, ás formas exageradas e ás vezes até ridiculas, da campanha, tal como se vem fazendo ultimamente (cousa que aliaz é comprehensivel, como já disse, ante os excessos dos nossos antagonistas) julgo-me ainda absolutamente de accordo com o que, ao lado de Alvaro Bomilcar, Arnaldo Damasceno Vieira, Hollanda Cunha, Leoncio Mouzinho, Trajano Costa, Do-

mingos de Castro Lopes, padre Antonio Carmelo, Enéas Lintz, Camillo Paoliello, Alberto Deodato, Affonso Rozendo e outros, elaborei e subscrevi como programma do que se chamou a *Propaganda Nativista*.

Dentro daquelle programma não ha uma só palavra de odio a nenhum povo do mundo, nada que procure diminuir ou offender o povo portuguez, em si mesmo, na sua historia, tradições e caracter.

Eu estou ainda com o proprio Alvaro Bromilcar quando tão conscienciosamente nos diz:

« Entre os portuguezes, que convivem comnosco, ha não alguns, mas numerosos que acatam as nossas leis, respeitam as nossas tradições e são verdadeiramente gratos ao paiz que os acolhe com solicitude, fraternalmente.

Estes são os que se assimilam, porque constituem familia, adoptam os nossos habitos e não se envolvem nas lutas politicas, para molestar o governo e as autoridades da Republica.

Separado do seu *nucleo de resistencia,* e individualmente considerado, o portuguez nenhum mal poderá fazer-nos; antes será um elemento aproveitavel, mesmo dos melhores ».

Fóra das linhas que hei traçado, com o mais desinteressado desejo de apoiar os meus patricios e orientar os portuguezes, tambem sou dos que, como o nosso José Vieira, dizem,

sem temor das consequencias, sem o temor mais nobre de commetter uma injustiça, que «neste conflicto, cujos perigos obscurecerão somente os que não puderem ou não quizerem ver os factos — *os que não fizerem nacionalismo contra os portuguezes, estarão fazendo-o contra os brazileiros*»[1].

* * *

Como as minhas relações com portuguezes tem sido sempre no terreno das lettras, não quero terminar esta carta sem juntar ao que já disse algumas palavras sobre o intercambio intellectual entre Brazil e Portugal, e a minha opinião é, francamente, a seguinte:

Sabemos que até certo ponto somos todos, portuguezes e brazileiros, tal como disse ha tempos o Sr. Antonio Sergio, «subditos de El-Rey Camões», mas a verdade é que pouco mais o devemos ser, nós, brazileiros, que francezes e hespanhoes, hispano-americanos ou allemães.

Na realidade, todo homem culto é subdito de Camões, como o é tambem do Dante ou de Bossuet, de Goethe ou de Shakespeare.

Não ha negar que nós, brazileiros, estamos bem mais ligados ás tradições da edade

[1] *Carta a Alvaro Bomilcar—Gil Blas* n.º 72.

classica portugueza e até ás das lettras luzitanas contemporaneas, do que ás de qualquer outra litteratura, mesmo a franceza.

O que no entanto não se poderá comprehender é que as lettras portuguezas venham a servir de instrumento de dominio, contra nós insidiosamente armado, e não de pura amizade, que nada mais exige que mutua comprehensão de interesses reaes e justos. «Tudo que ha no mundo — disse-o o Sr. Fidelino de Figueiredo com muito real felicidade — tudo que ha no mundo, de bom, de justo, e de bello se divulgou só por sêl-o, com aquella potenceação rapidissima, que é a energia da Verdade, da Belleza e da Virtude, explendendo em qualquer latitude, em qualquer lingua».

O que Portugal tem de bom não precisa, para que a nós se imponha, valer-se de qualquer argumento historico, que só nos lembrará um passado, que não poderá jamais alimentar sympathias, e sim discussões inuteis ou perigosas.

O trabalho intellectual portuguez, tanto que não vise a nossa vida politica, terá sempre, naturalmente, no Brazil, a estima que se dá a outro qualquer trabalho estrangeiro, já não sendo pouca a vantagem, que gosa, da identidade de linguagem e das ligações naturaes d'ahi decorrentes.

Eu não me negarei jamais a collaborar com

portuguezes numa obra de harmonisação dos nossos e seus ideaes, desde que estejam, elles, os portuguezes, convictos de que, se é preciso uma tal harmonisação, é porque são aqui estrangeiros e nós os donos do Brazil.

Porque sou e me glorío de ser um nacionalista brazileiro e quero que os portuguezes se convençam de que nada mais, em terra brazileira, poderão alcançar pela força das ameaças ou das subtis hypocrisias, não renuncío, de modo algum, aos meus avós portuguezes e ao que lhes devo do ponto de vista cultural.

Amo as lettras portuguezas.

O que não pretendo esquecer jamais é que os meus avós foram estrangeiros no Brazil, tanto quanto eu hoje o serei se fôr a Portugal. O que não quero jamais esquecer é que a litteratura brazileira não é mais litteratura portugueza e, se grandes são os nossos laços espirituaes, não pouco diversas já são as nossas caracteristicas. Afinal, nisto, como em tudo o mais, o que é preciso ficar sempre bem claro é que o Brazil é o Brazil, Portugal é Portugal, duas patrias differentes, duas nações que presam a sua autonomia, dois patriotismos diversos, entre si, que é preciso não querer confundir, para que se não venham a chocar, de facto, e tornarem-se antagonicos.

* * *

Eis ahi, meu caro Bustamante, de todo expostos, os meus sentimentos e idéas, quanto á parte propriamente critica do nosso nacionalismo, porque a parte positiva é, a meu ver, o que o proprio Alvaro Bomilcar traçou em relação ao levantamento das nosssas energias, á justiça que devemos ao nosso mestiço, á revisão da nossa historia, para que mais fervoroso culto dediquemos aos nossos verdadeiros heroes, onde aliaz não cabe, como disse, que se queira contrapor o que é puramente hypothetico ao que já tem caracter de definitiva, de positiva historicidade.

Penso — mais uma vez lhe digo — que estão se repetindo, entre nós, continuamente, factos que vão de encontro á orientação do nosso preclaro chefe o Sr. Conde de Affonso Celso que, como brazileiro e catholico, que o é, não pode deixar de soffrer ante a desordem estabelecida entre os nossos puros ideaes e as paixões de alguns, que não direi mal intencionados, mas mal compenetrados ainda do que quer fazer o Nacionalismo Brazileiro.

Supponho que se faz necessario um cerrar de fileiras, uma selecção de pontos de vista historicos e sociologicos, para que de todo nos entendamos e, sem indisciplina e abusos, al-

gamos a bandeira do chefe supremo da Acção Social Nacionalista.

Eis porque, meu illustre e bondoso amigo, rendendo-lhe sincera homenagem, pois o sei um homem intelligente e, sobretudo, um caracter, confio-lhe esta carta, que V. fará ver aos que com mais responsabilidade lidam em prol dos nossos ideaes.

Sou seu amigo em J. C.

JACKSON DE FIGUEIREDO.

Rio, 2-1921.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 23 DE FEVEREIRO DE 1921